

A CONCEPÇÃO DO “EU” EM DIFERENTES PARADIGMAS

Dr^a. Prof^a. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Presidente do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e Psicoterapeuta na abordagem Fenomenológico-Existencial.

Introdução

Refletir sobre o “eu” em suas diferentes concepções implica em uma compreensão das formulações sobre a psique desde a mais remota história do homem. Psique, em grego, significa alma, que na modernidade passou a ser denominada consciência, personalidade, self, estrutura psíquica, entre outras ao referir-se ao “eu”.

A psicologia é definida, primeiramente, como estudo da alma. Depois passa a ser conceituada como o estudo da consciência, do comportamento, enfim são muitas as suas definições. Esta variedade e dispersão de conceitos já revelam a dificuldade de situar seu objeto de estudo. A partir da constatação deste repertório imenso de definições, questiona-se a psique constituindo-se como objeto e, se a psicologia pode ser entendida como ciência propriamente dita. São inúmeras as construções teóricas e filosóficas que aparecem na tentativa de compreender, explicar, sistematizar os estudos do eu. Surgem daí várias perspectivas, conhecer o eu tal como se revela, de explicá-lo de acordo com os mecanismos que se acredita estarem aí implicados ou até de mistificá-lo.

A psique parece estar presente nas reflexões dos homens, em todos os tempos. Nos povos primitivos, as primeiras idéias fixadas sobre a natureza humana justificavam-se na crença da existência da alma como entidade responsável pelas manifestações de natureza subjetiva, bem como responsável pela produção dos sonhos e pelas manifestações delirantes, atingindo a constatação de sua existência na experiência da morte.

Foi, provavelmente, do conteúdo dos sonhos que se retirou o modelo para a conceituação da alma como substrato sutil, tanto numa concepção espiritualista quanto materialista, como um duplo, que tinha continuidade mesmo após a morte. Numa concepção espiritualista, a origem de todas as religiões parece estar na experiência do homem com relação a vivência de estados de delírio, coma, sonho, de onde, provavelmente, surgiu a idéia da existência da alma, o animismo.

Parece que o enigma da existência humana foi desde sempre elemento de curiosidade da humanidade. O homem da pré-história se intrigava com a vida e a morte, os sonhos e a realidade, o corpo e a alma, enfim com as condições do próprio existir.

A psique nos mitos gregos, com seu respectivo

correspondente na moral; como comportamento, de acordo com as propriedades e mecanismos de funcionamento; inconsciente e suas tramas psíquicas; intencionalidade e constituição da consciência é aqui investigada como elemento de fundamental importância no estudo da Psicologia.

A concepção da alma: da mitologia à Idade Média

Na mitologia (Brandão, 1986/1995), pode-se constatar que Homero, nas Epopéias Homéricas, também mantinha sua concepção sobre a alma. Parece participar da crença comum a várias culturas primitivas, de que o homem abriga em si um “duplo”, um outro eu. A existência desse duplo seria atestada pelos sonhos, quando o outro eu parece sair e realizar peripécias, inclusive envolvendo outros duplos.

A concepção de uma dupla existência do homem está ligada à interpretação homérica da morte e da alma. A morte não representaria um nada para o homem. A psique ou duplo desprender-se-ia, pela boca, descendo às sombras subterrâneas do Erebo. Desligada definitivamente do corpo, a psique passa então a integrar o reino de Hades, onde permanece como imagem, mantendo a mesma aparência e carecendo de consciência própria. Em Hades viviam os duplos, depois do outro haver morrido. Diversos heróis foram à cidade de Hades - mundo dos mortos - na tentativa de trazer de volta à vida os seus mortos. (Cappelletti, 1986)

O mito grego refere-se à psique como acontecimento, não se refere a propriedades, nem a substância que a constitui. O modo de ser se desvela na medida que as situações vão acontecendo. A concepção grega de psique não corresponde de nenhum modo ao conceito atual de psiquismo humano.

Pode-se dizer que a filosofia surgiu na Grécia por volta de 600 a.C., final do Séc. VII até meados do Séc. V a.C. (Cappelletti, 1986), numa posição de não aceitação da explicação da natureza através dos mitos: com Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Com o surgimento da filosofia a crítica aos mitos acirrou-se, chegando a afirmar que a mitologia havia criado os deuses à sua própria imagem e semelhança. Esta afirmativa dá início ao caráter crítico que vai permear todo o desenrolar do pensamento pré-socrático.

Os pré-socráticos (Carneiro Leão, 1991/1993) também se ativeram à preocupação com a alma. Neste período o interesse voltou-se a phísis, ou seja, ao mundo

natural, visando buscar a causalidade dos fenômenos naturais; a arquê substância primordial e princípio básico que norteia todas as coisas e da qual todas as coisas derivam mediante sucessivas transformações. O cosmo, em grego Kosmos, enquanto ordem natural que se opõe ao caos. Ressaltam o logos com o pressuposto que existe uma correspondência entre a razão humana e a racionalidade do real.

Para Tales de Mileto(Cappelletti,1986), o elemento essencial era a água, origem de todas as coisas. Em Anaximandro as coisas do mundo surgem de algo e se dissolvem em algo que ele chama de infinito. Para Anaximandro o elemento essencial da natureza era o ar. Empédocles (494-434 a. C.) faz uma síntese entre todos os elementos básicos da natureza: terra, ar, fogo, água, que atuam em todas as transformações da natureza. Anaxágoras concebe a Nôus como o princípio ordenador ou organizador da realidade, independentemente dos elementos.

O pensamento grego enquanto voltado para as questões relacionadas a natureza e o destino da alma, constitui-se em duas posições: as tradições naturalista e místico/religiosa.

Numa visão materialista sobre a natureza da alma, Demócrito(Cappelletti,1986) vai defender a tese de que a alma é composta por átomos particularmente arredondados e lisos e que quando uma pessoa morre, os átomos de sua alma espalhavam-se por todas as direções e podem se agregar a outra alma, no momento em que esta é formada. Neste aspecto, a alma não é imortal, está intimamente relacionada ao cérebro e, portanto, torna-se impossível ter-se qualquer tipo de consciência quando a alma deixa de funcionar. Demócrito constrói o primeiro sistema materialista, no qual a alma compõe-se de átomos, assim como a natureza física. Parte da tese empirista, que mantém a posição de que o conhecimento procede dos sentidos.

Demócrito(Cappelletti,1986) propõe uma teoria explicativa do processo perceptivo. Adota uma posição empirista, o conhecimento procede dos sentidos. O conhecimento ocorre como consequência da emissão de átomos sutis, os quais, penetrando pelos órgãos sensoriais, vão constituindo as imagens ou elementos representativos dos objetos. Concebe o cérebro como órgão do pensamento; o coração, órgão da emoção e o fígado, do apetite.

Demócrito proclama a mortalidade da alma, enquanto Pitágoras a imortalidade, numa postura místico-religiosa na filosofia Grega, que terá continuidade com Platão.

Hipócrates(Cappelletti,1986) é quem vai constituir a ciência médica grega, buscando explicações naturais para a saúde e a doença, constrói uma tipologia, a teoria dos temperamentos: existência de quatro humores: o sangue - o coração; a fleuma - o cérebro; bilis amarela - o fígado; bilis

negra - o baço ou atrábilis. Daí quatro temperamentos: o sanguíneo, o linfático, o bilioso e o atrabiliário. O equilíbrio dos humores denominou crasé. Da ruptura do equilíbrio ou discrasia constitui-se doença.

Os pré socráticos em uma perspectiva pré - científica tomavam diferentes posições acerca do psiquismo humano. Demócrito acreditava que a alma era constituída de elementos materiais, Hipócrates relacionava as enfermidades psíquicas aos órgãos do corpo humano e Pitágoras falava da existência da alma como algo abstrato e espiritual.

Os sofistas(Cappelletti,1986), que surgiram na passagem da oligarquia grega para a democracia, pautaram-se na arte da eloquência, a fim de ensinar a oratória, bem como de preparar o cidadão para ingressar na vida política. A estes se deve também o questionamento da verdade, ou seja a idéia da sua relatividade, passando a colocar como o referencial de todo e qualquer pressuposto na cognição humana. Seu método de ensino foi denominado Paideia. Os principais sofistas foram Protágoras de Abdera, que desenvolve a técnica argumentativa, a antilogia; Gorgias de Leontinos que apresenta estilos de oratória.

Sócrates(1991) apresenta o método da análise conceitual, buscando o caminho do verdadeiro conhecimento-episteme, que se encontrava na consciência. Alerta para o perigo da opinião-doxa. A maiêutica vai se caracterizar como sua didática, para trazer à luz a verdade, e para tanto seus diálogos se dão de forma inconclusiva, aporéticos, e, por fim, sua dialética vai consistir no questionamento das crenças individuais e na ironia.

Platão (1991) parte da admissão de dois mundos: o sensível/mutável e o inteligível/imutável. Tem como tema central a natureza da alma e defende a tese da imortalidade da alma, que tem como atributo a memória, a linguagem, a aquisição do conhecimento. A alma é concebida como pura inteligência, quando contempla a essência das coisas, quando unida ao corpo constitui-se na sede do desejo.

Em Aristóteles (1991) a psicologia é conceituada como o estudo dos seres vivos. Afirma que a psicologia tem como objetivo descobrir a natureza e a essência da alma, assim como seus atributos. O conceito de alma aparece apenas como expressão designativa do princípio da vida. Para Aristóteles há uma variedade de almas individuais que se hierarquizam em três grandes categorias: a nutritiva, a animal e a racional ou inteligível.

À psicologia cabe estudar através do procedimento da abstração as características gerais das almas individuais. As relações que estabelece entre o corpo e alma afastam-se do dualismo platônico e desviam-se do materialismo mecanicista de Demócrito, posicionando-se hilemorficamente: aplicação da teoria da matéria e forma. Caberia à forma, a determinação e à matéria, a individuação. Aplicação da teoria do ato e potência: o intelecto não é nada

em ato antes de receber a forma do objeto que conhece. O intelecto não é, por natureza, senão capacidade. O intelecto é ativo e passivo. Enquanto ativo: simples, imaterial e imortal. Não se constitui como uma função do corpo. Enquanto passivo constitui-se como função do corpo.

O intelecto consiste na faculdade pela qual captamos as essências, que em oposição a sensação, pela qual captamos o mundo sensível, com suas cinco modalidades: tato, visão, audição, olfato e gustação e o bom senso organizam todas as demais. A sensação apenas detém a essência incorporada à matéria, implica uma relação entre o organismo e os objetos, ambos se atualizando, ambos passando do estado de potência ao de ato. A memória constitui-se como simples conservação do passado.

Aristóteles (1991) enuncia os princípios da associação por contraste, pela igualdade e por contigüidade no tempo e espaço. Quanto à reminiscência, afirma tratar-se de uma evocação voluntária do passado.

A psicologia Aristotélica é sustentada por três princípios. O primeiro da continuidade refere-se a realidade concreta que dispõe-se numa seqüência na qual é impossível indicar um ponto qualquer e dizer que de um lado há matéria, e de outro, forma. Torna impossível estabelecer limites (ex.: entre normalidade e anormalidade). Finalidade diz respeito a que toda a natureza, incluindo a humana, é explicada teleologicamente como tendendo para um fim ou objetivo.

Mesmo quando a natureza varia suas obras, é ainda em função de um objetivo. Analogia refere-se a que as relações entre o corpo e a alma são hilemórficas. Enfim, Aristóteles fala da alma, psique, como uma maneira de existir que, no humano difere das outras formas de existir dos outros seres vivos.

Na antigüidade Grega, pensou-se a psique como consciência. Sócrates acredita na verdade aí inscrita atingível pela reflexão. Platão dicotomiza o homem em corpo e alma, preconizando a superioridade deste sobre aquele. Em Aristóteles tem-se a primeira sistematização do psiquismo humano. Foucault (1994/1997), na sua crítica as epistemologias do eu, refere-se ao deslocamento da verdade para o interior, ocorrendo desde o período sofístico em Sócrates e Platão, ordenando a separação entre discurso verdadeiro e discurso falso.

Na fase pós-socrática, dois pensadores Epicuro e Zenão podem ser mencionados. As idéias dos epicuristas e estoicos trouxeram maiores contribuições entre os pós-socráticos pelas idéias opostas que cada um defendia e também por trazer contribuições de ordem prática subordinadas à moral. Com Epicuro e Zenão termina as principais contribuições da antigüidade grega, e dá-se início ao pensamento influenciado pelo cristianismo da idade média.

A principal contribuição do período medieval foi a

integração do pensamento cristão à filosofia Grega. Neste momento, a preocupação centrava-se na investigação da natureza e atributos da alma. Estas reflexões se caracterizam, no entanto, pela forma dogmática e anti-científica como se desdobravam as suas idéias. Pela ausência de constatação de suas conclusões, não fazendo uso nem da observação e nem da indução, portanto, prescindiam da evidência dos fatos. Partem da dedução lógica, a partir das implicações internas das idéias que defendiam e a validade das mesmas consistia na lógica interior das próprias idéias. A referência principal consistia na fé e daí partiam para concluir sobre a consciência, a natureza de Deus, a alma e a vida moral.

A Idade Média constituiu-se em duas fases: a fase Patrística cujo principal representante foi Santo Agostinho, que fez a integração do pensamento cristão com a filosofia Platônica e a fase Escolástica com Santo Tomás de Aquino que articulou o pensamento de Cristo à filosofia Grega.

Os estudos de Santo Agostinho (Séc. III -354-430) versaram sobre Moral e Teologia, filia-se às idéias de Platão, para o qual a alma era a essência do homem e a predileção pelo supra-sensível. Através do estudo da memória, esboça a teoria do campo da consciência, que consiste na conservação do passado e antecipação do futuro.

São Tomás de Aquino vai unir o pensamento Aristotélico ao Cristão e os fundamentos de sua Psicologia são Aristotélicos. Pressupõe que homem entende por meio da alma. Cada ser tem, de maneira semelhante, o ser e a operação. A alma é o homem. Só a forma pertence à natureza da espécie. Para Tomás de Aquino a natureza da alma não é incorpórea, também é substância, isto é, subsistente.

A alma, como ato do corpo organizado, tem a vida em potência, não preexistindo ao corpo. A alma não habita o corpo e sim anima-o. A alma e corpo só existem em relação de matéria e forma. A alma é forma, constitui, mas não opera - constituinte do ser. Não se pode definir a alma sem referência ao corpo, nem vice-versa. A alma animante e o corpo - animado.

As considerações sobre a alma na Idade média vão influenciar alguns posicionamentos psicológicos. A perspectiva de santo Agostinho sobre a consciência é retomada por Bergson, consciência considerada como sinônimo de duração, implicada num conhecimento reflexivo, como consciência do passado. Por fim, considera a consciência como a faculdade mediante a qual a alma se revela presente a si mesma. A teoria do Intentio de São Tomás propõe que toda atividade tem uma meta, pauta-se na causa teleológica de Aristóteles e vai servir de fundamento à psicologia de Brentano.

Na idade média, ocorre uma verdadeira descrição lógica acerca da alma e seus atributos. Têm-se a idéia da psique interiorizada e a dicotomia corpo e alma em Santo Agostinho. São Tomás propõe um entrelaçamento corpo e

alma e também lhe confere atributos.

No final da idade média, iniciando a modernidade, depois de dois mil anos de hegemonia do pensamento aristotélico, surge Galileu (1564- 1642), que com suas idéias vai revolucionar toda a verdade até então postulada.

A invenção do psiquismo: a modernidade

A física aristotélica tinha como fundamentos a física como uma ciência altamente elaborada, o senso comum como método e a submissão dos fatos a um tratamento coerente e sistemático. Galileu (1991) em 1583, século XVI, rompe com a hegemonia da física aristotélica, medindo o tempo com o bater de seu pulso chegou a uma sistematização teórica, a qual denominou “Lei do isocronismo das oscilações pendulares”, que consiste numa teoria que versa sobre as relações de tempo existentes entre as oscilações de uma lâmpada movida por uma corrente de ar e o bater do seu pulso. A partir desta e de outras grandes descobertas, inventando vários instrumentos de medida e através de sua atuação prática chegou ao método experimental em suas quatro fases distintas: percepção dos fenômenos, que ocorre na fase da experiência sensata; intuição da lei da natureza, que se dá na fase axiomática; progresso matemático, no qual se dá a descrição do observado pela linguagem matemática e a confirmação experimental, que constitui o método hipotético-dedutivo propriamente dita.

Modernamente, os quatro momentos da investigação propostos por Galileu são descritos como: observação experimental, hipótese de trabalho, matematização e experimentação. O método experimental passou a ser considerado o método da ciência.

A valorização do pensamento como razão fundante e o ideal de abarcar toda a natureza num sistema estão presentes na filosofia, na epistemologia e no modelo de ciência de forma hegemônica durante três séculos. E serão os parâmetros norteadores de todo pensar, agir e sentir humanos.

Descartes (1637 / 1978), pensador e articulador da modernidade vai buscar a valorização da razão, do indivíduo e a supremacia da vontade tal como os humanistas. Inicia por assumir um ceticismo, que vai servir de base para o início do pensamento cartesiano de duvidar de todas as verdades postuladas até então. Formula a “Dúvida Metódica”, que consiste num argumento contra a ilusão dos sentidos-certeza da existência do pensamento. E acaba por concluir pelo argumento do cogito (pensamento): “Penso, logo existo”.

Chega a afirmar que o homem pode conhecer o real de modo verdadeiro e definitivo, basta que se desenvolva as diretrizes de um método seguro para se chegar a verdade. Busca então uma certeza como base de toda a construção do conhecimento ponto de apoio. A modernidade (pautada na

razão e valorização do indivíduo autônomo e livre) foi à denominação encontrada para indicar a ruptura com a tradição (pautada na verdade da fé e na valorização da instituição religiosa). Descartes (1637 / 1978) decide partir para descoberta dos fundamentos de uma ciência propriamente dita. Seu projeto consistia em dar continuidade ao projeto iniciado por Copérnico, Kepler e Galileu. Para tanto, considera os seguintes pressupostos: a racionalidade é natural no homem, o erro consiste no uso equivocado da razão e o método é o caminho que garante o sucesso na obtenção do conhecimento.

Acerca do conhecimento e da verdade, Descartes (1637 / 1978) levanta as seguintes concepções que fundamentam a possibilidade do saber científico: a representação, que pressupõe que a idéia corresponde aos objetos a idéia é idéia de algo. A possibilidade do conhecimento do real inclui que as idéias tenham um conteúdo representacional. O princípio da correspondência que garante a correlação entre a idéia da mente e a coisa a ser conhecida no mundo externo. As idéias estão na mente como quadros ou imagens, pode ser o ato ou o conteúdo do pensamento. Existem as idéias inatas, empíricas e a imaginação. A mente é composta de idéias. O juízo composto de idéias é que vai permitir afirmar a verdade ou falsidade pelo critério de evidência. O sujeito como constituição de uma consciência ou um eu encapsulado em si mesmo que na relação com o mundo se dá na dicotomia sujeito e objeto. Passa-se a considerar o eu como sujeito e na busca da certeza, o eu torna-se absoluto e fonte de decisão.

Descartes, realista, ainda guarda a semente da concepção aristotélica de ciência: “Corpo de verdades teóricas, universais e necessárias, de certezas definitivas, que não admitem erro, correção ou refutação”. Descartes idealista pressupõe que o avançar da ciência proporcionaria ao homem: “Livrar-nos de uma infinidade de moléstias, quer do espírito, quer do corpo, e talvez mesmo do enfraquecimento da velhice, se tivéssemos bastante conhecimentos de suas causas e de todos os remédios que a natureza nos dotou.” (1637 / 1978, p.64) Tem-se aí o sujeito absoluto, poderoso e o construtor de todas as coisas consoante a sua vontade.

Sobre a constituição do sujeito em Descartes, afirma Boss (1971/1988): “Descartes chamou essa substância de res-cogitans espírito humano, chegando a categoria de sub-jectum, que significa fundamento de todo o restante, a partir do qual tudo ao seu redor é objeto.”(p.52)

No século XVII, Thomas Hobbes defendeu a tese de que se deveria aplicar o método de Galileu ao comportamento humano e desta forma também se fazer ciência em psicologia. Porém foi no século XVIII, entre 1798 e 1857, quando surgiu o movimento filosófico denominado positivismo, marcando o fim das preocupações com a teoria do conhecimento e surgindo em seu lugar a filosofia da

ciência. Comt  resolveu estruturar um método que permitisse organizar a sociedade francesa de modo mais sistemático e racional. Aplicou, portanto, aos problemas sociais os métodos e princípios das ciências naturais. Não mais interessou interrogar a respeito do conhecimento, renunciando qualquer questionamento acerca do sujeito conhecedor, mas sim importou a resolu o de problemas segundo os procedimentos metodológicos da ciência. Para tanto, Comte (1830/1991), considera que os fundadores da filosofia positivista foram os pr -socráticos com a articula o da astronomia matemática e a constitui o de leis imutáveis; Bacon apontando para a necessidade da utilidade prática do saber; Galileu reafirmando a importância da expressão matemática da natureza; Descartes elaborando o método que bem conduz a verdade. Comte elabora a partir daí o pensamento positivo também fundante da ciência moderna.

Foucault (1994/1997) inclui na sua crítica as epistemologias do eu, como senhor da verdade que reside no seu interior a ciência da observa o, trata-se de uma filosofia natural inseparável das estruturas políticas e da ideologia religiosa; já no início do século XIX, o eu interiorizado mant m-se na ciência moderna, na sociedade industrial e na ideologia positivista.

A Psicologia acaba por constituir-se como ciência que se insere na modernidade, pautada no método de Descartes e no positivismo de Comt  e nos parâmetros de objetividade, determinismos, certezas, verdades inquestionáveis e universais, previsibilidade, supera o, iluminismo progressivo, fundamento-razão. Mant m a idéia de um eu interiorizado, que se constitui como sujeito. O sujeito será a substância a ser estudada pela ciência psicológica. E como tal se constitui com propriedades e extensão passíveis de mensura o.

A psicologia científica tentando conciliar-se com o parâmetro de objetividade, busca a sua substância, seu res cogitan , que se constitui como aparelho psíquico, sujeito, personalidade, pessoa. Pressupõe um interior do homem denominado emo es, instintos, processo libidinoso.

O método experimental vai ganhar força com Skinner, e seus experimentos em laboratório com a famosa caixa de Skinner e os experimentos realizados em animais, uma vez que seu objeto de estudo era o comportamento animal e humano. O movimento behaviorista em psicologia a partir dos pressupostos da ciência e com base nos alicerces do positivismo estruturou-se como uma psicologia científica. Partiu da constitui o do comportamento como substância, podendo então mostrar seu objeto de estudo na forma como era exigido pela ciência.

Skinner (1985) chegou a confirmar tal posicionamento na seguinte frase:

“Possuem um status físico para o qual as

técnicas usuais da ciência são adequadas e permitem uma explica o do comportamento nos moldes das de outros objetos explicados pelas respectivas ciências”. (p.42)

Com Freud (1895) inaugura-se o método clínico de pesquisa, onde a psicanálise tornou-se também um instrumento de investiga o psicológica, em que o principal instrumento do método era a interpreta o, seja dos sonhos ou dos atos falhos, ou ainda, das associa es livres.

Parece que o grande orgulho de Freud era de construir uma psicanálise no “berço da cientificidade” a qual defendia rigorosamente como ciência, chegando a compar la com a física. A psicanálise se desdobra em teoria, método terapêutico e método de investiga o da realidade psíquica. E o psiquismo também é tomado como interioridade, que comporta uma estrutura e dinâmicas próprias. E postula um interior que se relaciona com o exterior.”. Nas palavras de Freud em Projeto de uma Psicologia Científica (1895):

“A inten o é fornecer uma psicologia como ciência natural, isto é, representar os processos psíquicos como estados, quantitativamente determinados, de partículas materiais passíveis de especifica es”. (p.117)

Rogers (1961) mant m a idéia de um eu interiorizado, em sua psicologia centrada na pessoa. A este eu denomina pessoa. Com o propósito de diferenciar a personalidade da impessoalidade, refere-se ao tornar-se pessoa como um sair da impessoalidade, passar do afastamento de si mesmo e da sua experiência para o reconhecimento do seu ponto de referência interior. Por fim tornar-se capaz de viver livremente e de se aceitar num processo fluido de experiências, utilizando-as com segurança como a principal referência para o seu comportamento. Tornar-se pessoa significa tornar-se um processo integrado de transforma o, diz ele:

“Na impessoalidade, os sentimentos são expressados como algo distante de si mesmo. O indivíduo vive seu processo com fixidez na qual está afastado de sua própria experiência, sendo incapaz de extrair ou simbolizar sua significa o implícita. A experiência   relegada para o passado, antes de poder ser compreendida e o presente é interpretado em termos de significa es passadas”. (p.136)

Figueiredo (1995) refere-se a Rogers, criticando-o duramente:

A substância elegida pela psicologia para constituir-se como seu objeto de estudo foi em algumas de suas denomina es: o comportamento, o eu, o self, o ego, o consciente e o inconsciente. O sujeito da psicologia científica consiste num objeto simplesmente presente em um espaço determinado. Trata-se de um objeto encerrado em si mesmo,

não apreensível pela visão ou pelo tato. Trata-se de uma substância sutil. A constituição fundamental do sujeito consiste numa representação encapsulada de uma psique, um sujeito, uma pessoa, uma consciência. O ego, o self se configuram na psicologia como resposta a exigência do modelo científico da presença de uma substância extensa, possível de mensuração, controle e determinação.

Diferentes pensadores da existência humana vão esforçar-se no sentido de deslocar-se da idéia de um eu encapsulado, fechado em si mesmo e assim relacionado-se com o mundo. Indicam para um eu-mundo como unidade inseparável.

“Pessoas (persona, máscaras) apresentam-se como uma modalidade pré-moderna de subjetivação e vivem gostosamente sob o império da heteronomia, encarnados e mundanos. Poderosos ou débeis, senhores, vassalos ou servos têm suas vidas reguladas pelas tradições e pelos costumes, pelas necessidades e pelos desejos, o que em certos momentos se revela em rituais, mas que na maior parte do tempo lhes concedem uma faixa estreita, mas saborosa de liberdade e folguedos inconseqüentes. Ou seja: as pessoas, embora atadas aos lugares que ocupam numa rede estreita e densa de relações e histórias coletivas... gozam de uma liberdade...” (p.37).

O Rompimento com a filosofia do sujeito

Para Boss (1971/1988), o entendimento de psique dos gregos foi substituído pelo de sujeito ou pessoa. A este modo de referir-se ao eu, Boss denomina de conceitos antropológicos modernos. Diz ainda que desta forma falta o esclarecimento da natureza fundamental da psique. Afirma, ainda, que as ciências psi partem de um axioma básico que é a existência de uma psique junto com um corpo. Denomina esta tendência em psicologia de abstrata por diferentes motivos: a crença do eu como substância, o extremo subjetivismo, o ideal de domínio do sujeito sobre todas as coisas, inclusive dos outros sujeitos. Na tentativa de pensar a sua psicologia em outra perspectiva, busca em Heidegger seus fundamentos. Boss (1971/1988) refere-se ao pensamento de Heidegger da seguinte forma:

“É preciso considerar, que também a reflexão fundamental de Martin Heidegger impõe ao homem mais um desmoronamento que muitos se recusam obstinadamente a enxergar. Sigmund Freud já chamou a sua descoberta de uma segunda revolução copérnica. Não só Copérnio tinha desalojado a nossa terra do centro do universo, ainda por cima Freud conseguiu mostrar que a autocrática consciência humana era impulsionada, em diferentes direções, por forças 'id' como ele chamava, e cuja origem e essência

eram desconhecidas. Martin Heidegger reconheceu além disso, que o sujeito humano como medida e ponto de partida para todas as coisas não tem toda essa importância. Na verdade ele também é 'só' algo que é, um ente entre milhares de outros entes e como tal, depende e, e em seu ser-sendo mantido incessantemente pelo acontecimento do ser, o desabrigoamento. Em compensação, ele, o ser-pessoa, merece a alta dignidade e distinção de poder existir como aquele aberto e clareado que, como tal, tem de servir a tudo o que tem de ser como seu local de aparecimento e desdobramento inalienável.”

Heidegger (1987/2001) tece considerações sobre o modo com o eu é apreendido na modernidade, diz que tal posicionamento opera uma mudança radical da posição do homem diante do ente, que passa a ser entendido em relação com seus resultados, e na sua utilidade. Diz ainda que a filosofia desde Aristóteles trata o ser como se fosse um ente. Na tentativa de sair desse modo de pensar, Heidegger reflete acerca da diferença ser e ente e passa a investigar o Dasein, como modo de ser do homem, no qual o ente e o ser são o mesmo.

Nos Seminários de Zollikon, Heidegger (1987/2001) também vai utilizar o método fenomenológico na investigação do eu. Propõe-se a esforçar-se no sentido de pensar estes fenômenos deslocando-se da atitude científica. Assumindo uma atitude fenomenológica, inicia por suspender os pré-conceitos e as premissas, seja da metafísica, seja da ciência, seja do senso comum, acerca do fenômeno eu.

No Seminário de 8 de setembro de 1959, no grande auditório de Burgholzli da Clínica Psiquiátrica de Zurique, Heidegger refere-se ao Dasein humano como um âmbito do poder aprender. Propõe investigar o Dasein como modo de ser do homem, que na sua duplicidade constitui-se como ser simplesmente dado e, ao mesmo tempo, existir, ser-no-mundo, que está sempre em jogo no devir temporal. Refere-se ao dasein ou ser-no-mundo como modo de ser do homem, como “existir que consiste de 'meras' possibilidades de apreensão que aponta ao que lhe fala e encontra.” O dasein é o ente cuja essência é o existir.

Pensar em uma Psicologia com base no existir humano implica em abandonar a idéia de um eu enclausurado, fechado em si mesmo, constituído por propriedades e mecanismos, e tomá-lo como abertura, devir, constituído como poder ser, enfim no sentido do existir. Este modo de compreender o homem, segundo Heidegger, pertencia ao saber dos Gregos da antiguidade, que se perdeu nos critérios do sujeito. Implica, ainda, em não mais pautar uma prática nas categorias da causalidade, determinismo, controle, previsibilidade, constituintes do eu. Em termos de

existir predomina o indeterminado e o imprevisível. Nesta perspectiva, vale recorrer a Heidegger, que defende que se perder nas solicitações do mundo são constitutivos do homem, na medida que é no mundo que ele sempre se constitui.

Conclusão

Foucault (1994/1997), na sua crítica as epistemologias do eu, refere-se ao deslocamento da verdade para o interior, como ocorrendo em diferentes épocas. Na época sofística, em Sócrates e em Platão, ordenando a separação entre discurso verdadeiro e discurso falso; nos séculos XVI / XVII, ocorre através da ciência do olhar, da observação, enfim, através de uma filosofia natural que se refere às estruturas políticas e à religião; no início do século XIX, a ciência moderna, a sociedade industrial e a ideologia positivista, registram o retorno à interioridade. Este filósofo não deixa de dirigir estas mesmas críticas a Heidegger, afirmando que o Dasein ainda é um retorno à interioridade.

Segundo Foucault (1971/2002, p.77-78) Jean Hyppolite mostra o confronto de Hegel com outros filósofos modernos: “Marx Fichte, Bergson, Kierkegaard e Husserl. Foucault (1971/2002) opunha à filosofia de Hegel, que defendia a temática da perfeição na consciência de si, a totalidade e o conceito, ao pensamento de Jean Hyppolite, que tomava a filosofia como um horizonte infinito e uma tarefa eterna, sem possibilidades de chegar a generalizações e determinações exatas. Questiona ainda a psicanálise com a estrutura lógica do desejo, as matemáticas e a formalização do discurso, a teoria da informação e sua aplicação na análise do vivente, enfim, todos os domínios a partir dos quais se pode colocar a questão de uma lógica e de uma existência que não cessam de atar e desatar seus laços”.(p.75)

Enfim, pensar uma psicologia sem um eu interiorizado implica em compreender o homem não como uma de algo dentro que se expressa do lado de fora. A psicologia sem sujeito, tal como constituído na modernidade, acompanha o acontecer do sentido, sem interpretar um gesto, uma fala ou uma ação como expressão externa de um sentimento interno ou de um desejo escondido. E, assim, poder pensar nos seus próprios limites e, então, poder ampliar sua compreensão da existência humana.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. Tópicos dos argumentos sofísticos, in: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
BIRMAN, Joel & NICÉAS, C. Psicanálise e psicoterapia. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
BRANDÃO, J. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1995. V. II. 335 p.
BROCKMAM, EINSTEIN, STEIN, WITTEGENSTEINS,

FRANKSTEIN. Reinventando o Universo. SP: Companhia das Letras, 1989.

BUNGE, Mario. Causalidade: El Principio da Causalidade em la Ciencia Moderna. Buenos Aires: EUDEBA, 1961.

CAPPELETTI, A. Mitologia y Filosofia: los pré-socráticos. Madrid: Ediciones pedagógicas, 1986. 240p.

COMTE, A. Curso de filosofia positivista. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

DESCARTES, R. Discurso sobre o método. São Paulo: Hemus, 1978.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. Modos de Subjetivação no Brasil: e outros escritos. São Paulo: Ecuta/ Educ, 1995.

FREUD, Sigmund. Resumo das obras completas. Rio de Janeiro: Atheneu, 1984.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. Resumo dos cursos do collège de France. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GALILEU & NEWTON in Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

HEISENBERG, Werner. Física e Filosofia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

JAPIASSU. Introdução à Epistemologia da Psicologia. Rio de Janeiro: Letras y Letras.

LANDAU L. LIFSHITZ, E. Mecânica Quântica. Moscou: Editora Mir, 1974.

LANDAU L. RUMER, Y. Que es la teoria de la relatividade. Moscou: Editora Mir, 1969.

PLATÃO in: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

RIMM, David C.; MASTERS, John C. Terapia Comportamental. SP: Editora Manole, 1983.

ROGERS, C. Tornar-se Pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SOCRATES. Vida e obra, in: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SKINNER, B.F. Ciência e Comportamento Humano. SP: Livraria Martins Fontes Ltda., 1985.

SCHULTZ. História da Psicologia Moderna. São Paulo: Cultrix.

WERTHEIMER, Pequena. História da Psicologia. São Paulo: Companhia Editora Nacional.